



FORMAÇÃO DISCURSIVA E A ANÁLISE DO *ETHOS* NO DISCURSO POLÍTICO ELEITORAL

Maria Célia Cortêz Passetti (UEM)¹

Introdução

Ao trabalhar com a Formação Discursiva Política Eleitoral (FDPE) no gênero propaganda eleitoral televisiva gratuita, mais conhecida no Brasil como HGPE/TV, venho me deparando com a necessidade de repensar a noção de *ethos*, como algo mais complexo da ordem que determina a construção da imagem que o orador dá de si mesmo, pelo modo como se dá o processo de constituição, formulação e circulação de seu discurso, dentro de um processo mais amplo de compreensão da formação discursiva (FD) na abordagem pêcheutiana.

Para isso proponho uma reflexão sobre as determinações da FDPE na construção simultânea de *ethos* e *antiethos*, como elementos componentes do sistema semântico global dessa FD em suas relações interdiscursivas. Defendo a necessidade de uma formulação mais consistente do *antiethos* a qual ensaio aqui minhas primeiras reflexões, a partir do arquivo político-midiático da campanha presidencial de 2010, fazendo uma rápida ilustração com duas sequências discursivas (SDs) do *corpus* transcrito por minha orientanda de mestrado, Raquel Arcine, que está estudando a enunciação do candidato à Presidência da República pelo PSDB, José Serra, no HGPE/TV das eleições de 2010, no Brasil.

Maingueneau (2007, p. 67), de forma meio intuitiva, reconhece que se emprega o termo FD, na maior parte do tempo, “por falta” de um termo que permita ao analista, quando se encontra em contato com um conjunto de textos que não corresponde a uma categoria definida, se eximir da dificuldade de onde provem o sentimento de instabilidade que o termo FD oferece. O termo parece emprestado de Foucault, mas esteve desde os textos iniciais de Pêcheux, inscrito na rede conceitual do althusserianismo, o que o liga necessariamente ao conceito de formação ideológica.

Pêcheux (2009) enfoca a problemática da teoria materialista dos processos discursivos sob o signo das condições ideológicas da reprodução/transformação das relações de produção, produzindo deslocamentos nas teses althusserianas no sentido da não univocidade da FD, já que no texto de 1977, “Remontemos de Foucault a Spinoza”, ele aborda a questão das fronteiras maleáveis da FD, ao conceber os próprios aparelhos ideológicos como plurais. Isso implica conceber a própria existência da ideologia sob a modalidade da divisão, realizando-se, pois, na contradição.

De um lado uma FD tem suas regras de formação e sua individuação é regida por regularidades ou é constituída, como diz Maingueneau (2008), por um sistema semântico global que rege suas práticas em todos os níveis, inclusive o do *ethos*.

Qualquer FD é constitutivamente heterogênea por ter suas fronteiras móveis ao interdiscurso, o que não significa que uma parte dela não contenha um núcleo semântico relativamente estável que

¹ Profa. Associada ao Departamento de Letras da Universidade Estadual de Maringá - PR



lhe garante um efeito de identidade e de unidade. O conceito de FD é, pois, determinante para a compreensão não só dos sentidos como do sujeito, este também não unívoco, mas constitutivamente atravessado pelo outro, o que implica situar a construção do *ethos* na contradição própria da constituição de uma FD.

Entendo que, mesmo numa sociedade contemporânea com uma sociabilidade ambientada e estruturada pelas mídias, é possível utilizar-se do conceito de FD desde que a entendamos, então, na perspectiva de que sua regularidade pode ser reduzida a um sistema semântico global até simples, ao qual não se chega sem uma análise sistematizada de suas regras de coerção, mas que suas contradições e mutações só serão compreendidas quando se conceber sua relação complexa com a ideologia.

No caso da FDPE sempre haverá um Discurso Outro em relação polêmica o qual precisará ser silenciado ou traduzido por seu próprio sistema semântico global. Isso não significa que vão “existir apenas dois mundos em um só” nas práticas interdiscursivas tão diversificadas da contemporaneidade, mas que o analista de discurso precisa chegar a esses dois mundos contraditoriamente constitutivos para compreender o funcionamento identitário dessa FD, enquanto regida por uma dada forma-sujeito, que produz determinados efeitos de identificação.

Proponho então, analisar o tipo de relação que a FDPE, a qual se filia o sujeito político-José Serra, no lugar discursivo de candidato pelo PSDB à Presidência da República, nas eleições de 2010, mantém com a FD midiática televisiva e com a FD publicitária, quando esse sujeito enuncia sob as coerções do atual modelo de HGPE/TV, ilustrando com dois recortes que mostram o funcionamento de um dos elementos do sistema semântico global dessa FD que é a produção do *ethos* do referido sujeito político e do *antiethos* de sua adversária política (Dilma Rousseff do PT), bem como os efeitos de sentidos advindos dessa construção simultânea de imagens próprias dessa FD, nesse gênero.

O *ethos* e o *antiethos* como parte integrante do sistema semântico global da FDPE

A FDPE tenta fixar sentidos em um cenário de disputa. Para isso, busca impor sua verdade a muitos, ao mesmo tempo em que veicula discursos cuja verdade está sempre ameaçada em um jogo de significações. Ela sofre cotidianamente a desconstrução, ao mesmo tempo em que só se constrói pela desconstrução do seu Outro.

Mesmo incorporando características da FD publicitária que não deixa de situar o sujeito-candidato como um produto à venda, algumas características regulares da FD política a fazem dela se diferenciar. Assim se ambas fornecem um sonho, diferente da FD publicitária, o sonho na FD política precisa ser coletivo, trata-se de um ideal social a ser partilhado. Daí a necessidade de o sujeito político inspirar confiança, admiração, para chamar o eleitor a sonhar junto com ele. Em consequência, porém, das fronteiras porosas da FD política às FDs midiática (com sua inerente espetacularização) e publicitária (com seu apelo ao consumo) seus modos de construção das cenas enunciativas e do processo interativo entre seus sujeitos tem sofrido várias mutações conforme já



apontaram Charaudeau (2006) e Courtine (2006). Daí advém a tendência do eleitorado a eleger seus candidatos sob um enfoque personalista dado por sua imagem mostrada na TV. Por isso considero importante estudar o *ethos* na política contemporânea, principalmente o de sujeitos políticos situados mais à direita no espectro partidário, a fim de se vislumbrar sua representação imaginária do real que sustenta o assujeitamento, mesmo em derrotas, de boa parte dos cidadãos.

Adotamos aqui a concepção de *ethos* de Maingueneau (2006), e em diversas outras obras nas quais discorre aprofundando e problematizando esse conceito, que basicamente, apresenta três pontos consensuais: O *ethos* é uma noção discursiva, ele se constitui por meio do discurso, não é uma “imagem” do locutor exterior à fala; o *ethos* é fundamentalmente um processo interativo de influência sobre o outro; é uma noção fundamentalmente híbrida (sócio discursiva).

Já na obra *Gênese do Discurso* (2008), esse autor o descreve como um dos elementos do sistema semântico global de uma dada formação discursiva, mas o termo *antiethos* surge em *O contexto da obra literária* (1995), ligada a uma figura que representa o seu oposto, funcionando como um “antiespelho”. O *ethos* e o *antiethos* de um discurso se encaixam no sentido de oferecer ao coenunciador modelos de comportamento que devem ser seguidos e outros que devem ser rejeitados.

Proponho, então, compreender o *antiethos* como inerente ao funcionamento da imagem que o enunciador dessa FD deve construir para seu adversário para melhor fixar o seu *ethos* perante seu destinatário. Considerando o funcionamento dessa FD, na situação de segundo turno, na qual confrontam-se duas FDs antagônicas, é fundamental não esquecer que faz parte do sistema semântico global da FD política, a instância do adversário, e isso implica que seu enunciador, por meio de seu modo de dizer, mostre uma determinada imagem ou comportamento em vez de outro, criando uma oposição entre dois ou mais tipos de *ethé*. Assim, mesmo que se tome apenas uma FD para análise, concomitantemente à produção de seu *ethos*, o sujeito enunciador produzirá um *antiethos* para seu adversário, e é esta correlação que se apresenta ao telespectador/eleitor para a incorporação do *ethos*.

Pêcheux (1990) já tentava dar conta dessa complexidade do jogo imaginário do discurso em seu processo. Todavia o *ethos* se mostra mais como o produto desse jogo complexo, que na FD política, pelo menos, exige a construção simultânea do *antiethos* para o adversário, mas também, dada a concepção de falha no ritual discursivo, para o próprio sujeito enunciador, que afetado pela ideologia e pelo inconsciente, não consegue controlar as derivas de sentidos que possam afetar sua imagem positiva, por mais assessoria de marketing que tenha.

Diante disso, deparamo-nos com dois modos diferentes de funcionamento do *antiethos*: O primeiro, quando ele diz respeito à possibilidade de falha no ritual discursivo do sujeito enunciador de uma dada FD, que mesmo atendendo as coerções tipológicas e genéricas de sua FD, deixa pontos de deriva para sentidos que possam ir na direção da construção de um *antiethos* para si mesmo. Esses deslizamentos de sentido são percebidos na instância de recepção do discurso, a cidadã, quer seja por exageros na construção do *antiethos* do adversário político, quer seja por contradições entre o



dizer e o mostrar-se do próprio sujeito-candidato. O segundo dá-se no próprio funcionamento polêmico da FDPE, em especial no HGPE/TV de segundo turno, quando a construção do *antiethos* diz respeito à coerção constitutiva dessa FD no tocante à necessária negativização do adversário para melhor posituação do próprio sujeito político. Assim quando este enuncia *sou x ou não sou Y*, de forma positiva ou negativa, a comparação com o adversário é sempre inerente. Nesse funcionamento regido pelo sistema semântico global da FDPE, o *antiethos* insere-se na própria dramaturgia política, quando o sujeito cria imaginariamente uma situação de caos/problema para a qual ele propõe *ethos* positivos a sua pessoa para se firmar como o “salvador da pátria”, enquanto a seu adversário precisam ser imputados *antiethos* que lhe configurem como o causador da situação crítica discursivamente construída.

É a partir da criação de todo um imaginário de Brasil idealizado que José Serra tenta convencer o telespectador-eleitor de que ele é a pessoa que reúne as condições por ele projetadas imaginariamente para garantir sua realização. Trata-se do Brasil que estava “(re) nascendo”, segundo ele, e que precisaria de um presidente com o seu *ethos* para se concretizar. Nessa relação polemicamente constitutiva do discurso político eleitoral, embora a FD necessariamente dissimule sua dependência com respeito ao “todo complexo com dominante” das formações ideológicas (FIs), no caso do *ethos* o discurso Outro precisa ser tipologicamente implícito e a depender do gênero textual pode ser explicitamente mostrado, ainda que sob a forma do simulacro.

Além dessa estrutura básica (*sou x não sou Y/ não sou y, sou x*), outra possibilidade de construção simultânea de um *ethos* positivo para o sujeito político-candidato e de um *antiethos* negativo para seu adversário, consiste justamente em colocar-se à mostra para comparação do eleitorado. O sujeito enunciador parte dos pontos positivos de sua imagem (no caso de José Serra sua biografia/sua história e suas ações em diversos mandatos políticos em oposição à Dilma Rousseff que teria fatos de sua biografia que poderia não gostar de publicizar e ser desconhecida do público por falta de mandatos políticos) fortes o suficiente para aproximá-lo do modelo construído como ideal para o cargo e que evidencie de forma mais contundente possível os pontos fracos de seu adversário, como se pode perceber na SD abaixo.

SD 01

Neste segundo turno você vai poder comparar melhor os candidatos. A história de cada um. O que cada um já fez pelo Brasil. Quem tem ideias próprias, quem fica à sombra dos outros. Quem defende a liberdade, a democracia, o meio ambiente, o direito à vida. E você me conhece. Sabe da minha franqueza e que eu não mudo de opinião em véspera de eleição. Por tudo isso eu digo ao povo brasileiro: muito obrigado, vamos em frente!

Nessa SD, José Serra, ao mesmo tempo em que projeta para si um *ethos* de coerência, tenta fixar pelos não ditos e subentendidos um *antiethos* de incoerência para sua adversária. O envolvimento do sujeito telespectador/eleitor (*você sabe da minha franqueza*) evita a deriva para efeitos de sentido de arrogância (eu sou isso ou aquilo). Os não ditos, porque não devem mesmo ser



ditos (Dilma não defende o direito à vida, por exemplo) para não construir *antiethos* para o próprio sujeito candidato (o de mentiroso, caluniador, etc.), e os sentidos implicitados para a dedução do telespectador/eleitor (Serra teria ideias próprias enquanto Dilma ficaria “à sombra de Lula”) obedecem a raciocínios lógico-argumentativos de fácil cognição, determinados pelas regras da FDPE do tipo: *you can compare to choose between x that is good and y that is bad, you know that you are x and not y, so you will vote for me and only me remains to thank for your vote of confidence.*

Recortei a SD2, abaixo, para mostrar a relação do *ethos* e do *antiethos* com a dramaturgia própria da FDPE.

SD 02

Eu construí meu caminho com trabalho e com esforço Em todos os cargos que ocupei, sempre trabalhei, somando esforços, unindo as pessoas de bem. Nunca tratei as pessoas porque são do partido A ou do partido B. E é isso que precisa acabar no Brasil. Nós precisamos de união. Nós temos um povo trabalhador, uma terra generosa e um país grande demais, para se pensar pequeno. Porque o Brasil dos nossos sonhos é o Brasil da economia forte, com emprego, renda, oportunidades e conforto para todos os brasileiros.

José Serra, independente dos índices de aprovação do governo Lula, é coagido pela própria FD política a tentar convencer o eleitor a aderir ao seu projeto e a dissuadi-lo de aderir ao projeto da adversária, lembrando a ameaça que ele representaria para a ordem social da qual o cidadão seria a vítima (um Brasil de economia fraca, sem emprego, sem renda sem oportunidades para todos) sendo o adversário a origem do mal, a solução salvadora só poderia vir com ele, seu projeto e seu partido e consistiria em propor medidas que deveriam reparar o mal existente (unir o Brasil e pensar grande). O defensor dessas medidas precisa então mostrar-se crível, persuasivo na construção de uma imagem de salvador da pátria, de libertador dos males, daí a construção do *ethos* de sério, competente, trabalhador, que vão sendo propostas nesta SD e em outras de seu HGPE, sintetizados no slogan: “Serra é do bem”, que não deixa de projetar o *antiethos* “Dilma é do mal”.

Considerações finais

A construção do *ethos* do sujeito político e do *antiethos* de seu adversário se faz regida pelas relações interdiscursivas próprias da FDPE à qual o sujeito candidato se filie. Portanto é ela quem determina como esse sujeito pode e deve se mostrar ao telespectador-eleitor assim como pode e deve mostrar a este o *antiethos* de seu adversário, para promover um processo de identificação do maior número possível de eleitores. Se isso não ocorre, a derrota nas urnas pode ser o indício, dentre muitas outras causas, de falhas na construção do seu *ethos* (como por exemplo, enfatizar a união, mas só das pessoas do bem, ao mesmo tempo em que acusa Dilma de desagregar) bem como no modo de construção do *antiethos* projetado implicitamente por ele para sua adversária, mas explicitamente agressivo em outros quadros de seu HGPE/TV. Por outro lado, não se pode esquecer que o limite do enunciável é dado por uma série de coerções discursivas e sócio históricas da



conjuntura de cada eleição, cuja rapidez, urgência e surgimentos de fatos inesperados exigem constantes replanejamentos.

Referências

CHARAUDEAU, Patrick. *Discurso Político*. Tradução Fabiana Komesu e Dilson Ferreira da Cruz.. São Paulo: Contexto, 2006. Título original: Le discours politique: les masques du pouvoir. Paris, Vuibert, 2005.

COURTINE, Jean Jaques. *Metamorfoses do discurso político: as derivas da fala pública*. Tradutores Milton Milanez, Carlos Piovezani Filho. São Paulo: Claraluz, 2006.

MAINGUENEAU, Dominique. *Gênese dos discursos*. Tradução de Sírio Possenti. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 Título original: Gènese du discours. Paris, Mardaga, 1984.

_____. *O Contexto da obra literária*. São Paulo, Martins Fontes, 1995. Título original: Le contexte de l'œuvre littéraire: Enonciation, écrivain, société. Paris, Dunod, 1993.

_____. Problemas de *ethos*. In: *Cenas da enunciação*. Sírio Possenti; Maria Cecília Pérez de Souza-e-Silva (Orgs.). São Paulo: Parábola Editorial, 2006, p. 55-73.

_____. Formações discursivas, unidades tópicas e não tópicas. In: BARONAS, R.L. (org.) *Análise do Discurso: apontamentos para uma história da noção-conceito de formação discursiva*. Trad. Bras. Baronas, R.L. e Montanheiro, F.C. São Carlos: Pedro e João Editores, 2007.

PECHEUX, M. *Semântica e discurso*. Uma crítica à afirmação do óbvio. Trad. Bras. Orlandi, E.P. et al. 4ª ed. – Campinas, SP, Editora da Unicamp, 2009. Título original: Les vérités de la palice. Paris, Maspero, 1975.

_____. Remontemos de Foucault à Spinoza. In: *L'inquietude du discours* Textes choisis par Denise Maldidier. Paris: Cendres, 1977.

PÊCHEUX, Michel; FUCHS, Catherine (1975). A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas. Tradução de Péricles Cunha. In: GADET, F. e HAK, T (Orgs.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Campinas: Editora da Unicamp, 1990. Título original: Analyse automatique du discours, 1969.